

O PAPEL DO EMPREENDEDORISMO NEGRO FEMININO NA SOBERANIA ALIMENTAR: DESAFIOS, RESISTÊNCIA E CAMINHOS PARA A EQUIDADE

Cristiane Almeida Lisboa¹;

Universidade São Judas Tadeu (USJT), Cidade, Estado.

<http://lattes.cnpq.br/3644191582359323>

Edgard Aparecido de Moura².

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Cidade, Estado.

<http://lattes.cnpq.br/8180384729414081>

RESUMO: O empreendedorismo liderado por mulheres negras no Brasil é uma ferramenta estratégica no enfrentamento das desigualdades, gerando impactos econômicos, sociais e culturais profundos, especialmente nas regiões Nordeste e Sudeste (Sebrae, 2024). Suas iniciativas atuam na promoção da Segurança e Soberania Alimentar (SAN) por meio da Agroecologia, fortalecendo a economia de proximidade e resgatando saberes ancestrais. Contudo, a atuação dessas líderes é sistematicamente limitada por barreiras estruturais. A exclusão financeira (58% de negação de crédito) e a informalidade persistem, manifestando a lógica da necropolítica (Mbembe, 2018) que relega esses negócios à precarização. O racismo estrutural impõe preconceito e desvalorização cultural, impedindo a expansão para mercados formais. A superação desses desafios exige que as políticas públicas de SAN e Assistência Social incorporem a interseccionalidade de raça e gênero, reconhecendo que a população negra, majoritariamente feminina, é o público mais vulnerável à Insegurança Alimentar Grave. O verdadeiro empoderamento requer apoio sistêmico - crédito equitativo e formalização - para transformar a resistência em sustentabilidade plena e construir uma sociedade mais justa e equânime

PALAVRAS-CHAVE: Racismo Estrutural. Soberania Alimentar. Interseccionalidade.

THE ROLE OF BLACK FEMALE ENTREPRENEURSHIP IN FOOD SOVEREIGNTY: CHALLENGES, RESISTANCE, AND PATHWAYS TO EQUITY

ABSTRACT: Entrepreneurship led by Black women in Brazil is a strategic tool for confronting inequalities, generating profound economic, social, and cultural impacts, especially in the Northeast and Southeast regions (Sebrae, 2024). Their initiatives promote Food Security and Sovereignty (FSS) through Agroecology, strengthening local economies and rescuing ancestral knowledge. However, the actions of these leaders are systematically limited

by structural barriers. Financial exclusion (58% credit denial) and informality persist, manifesting the logic of necropolitics (Mbembe, 2018) which relegates these businesses to precarization. Structural racism imposes prejudice and cultural devaluation, hindering expansion into formal markets. Overcoming these challenges requires that public FSS and Social Assistance policies incorporate the intersectionality of race and gender, recognizing that the Black population, predominantly female, is the most vulnerable to Severe Food Insecurity. True empowerment demands systemic support - equitable credit and formalization - to transform resistance into full sustainability and build a more just and equitable society.

KEY-WORDS: Structural Racism. Food Sovereignty. Intersectionality.

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo negro no Brasil consolidou-se como ferramenta crucial no enfrentamento de desigualdades sociais e econômicas. O Sebrae (2024) indica que a população negra lidera muitos pequenos empreendimentos, concentrados no Nordeste e Sudeste, especialmente os de mulheres negras. Tais negócios promovem mudanças econômicas, sociais e culturais em comunidades marginalizadas.

Mulheres negras, protagonistas desse cenário, não apenas geram renda, mas impulsionam transformações sociais em segurança alimentar, empoderamento econômico e valorização cultural. Seu protagonismo reflete a capacidade de superar adversidades e oferecer alternativas inclusivas e sustentáveis (Siqueira; Nunes; Morais, 2018).

Regionalmente, dados da Fundação Telefônica Vivo (2024) indicam que a concentração de empreendimentos negros melhora a dinâmica econômica local e fortalece redes comunitárias. Essas iniciativas conectam produção local e demandas comunitárias, gerando impactos positivos em territórios periféricos com exclusão socioeconômica.

Apesar dos avanços, desafios persistem. Colman (2025) aponta que o acesso restrito a crédito, a informalidade e a falta de oportunidades estruturadas limitam a expansão e o alcance de mercado dos negócios de mulheres negras. Tais limitações exigem políticas públicas direcionadas com recorte racial e de gênero.

O racismo estrutural é outro obstáculo central, permeando relações econômicas e sociais. O preconceito afeta mulheres negras no empreendedorismo, desde a aceitação de produtos até a obtenção de recursos. Esse cenário destaca o peso das discriminações históricas, que ainda influenciam setores liderados por negras (Siqueira et al., 2018).

Apesar dos desafios, as contribuições dessas iniciativas são indispensáveis para uma sociedade mais inclusiva. Schelbauer de Lima, Soares Fragoso, Schenato (2018) mostram que empreendedoras negras resgatam saberes ancestrais, promovem inclusão social e desafiam padrões de exclusão, gerando impactos econômicos, sociais e culturais profundos pela valorização das raízes afro-brasileiras.

O impacto cultural reflete o resgate da identidade e do orgulho racial. Colman (2025) observa que muitas empreendedoras incorporam elementos de matriz africana em seus produtos, reforçando a cultura afro-brasileira e educando a população sobre sua relevância histórica e social, além de promover pertencimento.

As redes de colaboração de mulheres negras contribuem para economias solidárias. A Fundação Telefônica Vivo (2024) evidencia que essas redes movimentam economias locais, oferecem capacitação e inclusão a outras mulheres, sendo uma resposta poderosa à exclusão histórica e uma ferramenta estratégica contra desigualdades sociais.

O impacto educativo dessas iniciativas é relevante. Muitas empreendedoras negras usam seus negócios para conscientizar, promovendo práticas sustentáveis e reflexões sobre saúde e alimentação. Por meio de oficinas e palestras, elas ampliam sua atuação para mudanças sociais duradouras (Siqueira, Nunes e Moraes, 2018).

Este trabalho analisa os impactos econômicos, sociais e culturais do empreendedorismo negro no Brasil, com ênfase em mulheres negras. Abordará segurança alimentar e nutricional, inclusão social, empoderamento econômico, valorização cultural e resgate de saberes ancestrais, discutindo contrapontos da literatura para identificar lacunas estruturais que comprometem a sustentabilidade dessas iniciativas.

OBJETIVO

O objetivo desta revisão é analisar produções acadêmicas e fontes secundárias sobre as contribuições das mulheres negras no campo do empreendedorismo voltado à alimentação saudável, com foco em seus impactos sociais, especialmente na promoção da segurança alimentar, da inclusão social, da diversidade e da valorização da educação cultural no contexto da saúde. A revisão adota uma abordagem narrativa, priorizando a identificação, organização e discussão de informações relevantes sobre o tema.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão narrativa da literatura para analisar as contribuições das mulheres negras no empreendedorismo voltado à alimentação saudável, com foco em seus impactos na segurança alimentar, inclusão social, diversidade e educação cultural no contexto da saúde.

A pesquisa foi conduzida nas bases de dados SciELO, PubMed, Lilacs, Google Scholar e Periódicos CAPES, abrangendo publicações dos últimos 10 anos, em português, inglês e espanhol. Os termos utilizados incluíram combinações como: “mulher negra” AND “empreendedorismo” AND “segurança alimentar”; “inclusão social” AND “alimentação saudável”; e “educação cultural” AND “saúde” AND “diversidade”. Operadores booleanos foram aplicados para refinar os resultados.

Os critérios de inclusão consideraram estudos que abordassem a relação entre mulheres negras, segurança alimentar e os impactos sociais do empreendedorismo. Foram excluídos trabalhos fora do tema ou com análises superficiais. Os artigos selecionados foram organizados em categorias temáticas para sistematizar os dados e identificar padrões e lacunas sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam uma significativa presença da população preta e parda no cenário do empreendedorismo brasileiro. Embora o mapa apresentado (Figura 1) não forneça informações desagregadas por gênero, é possível afirmar, com base em estudos prévios, que a maioria das iniciativas pertence a mulheres negras, que desempenham um papel central nesse campo.

Figura 1: Mapa por região de empreendimentos



Fonte: AFRO.TV (2025).

O gráfico indica predominância de empreendimentos negros no Nordeste e Sudeste, refletindo densidade populacional e infraestrutura econômica. Essa concentração demonstra o protagonismo negro na dinâmica econômica regional e no fortalecimento de setores como a alimentação saudável.

Apesar dessa representatividade, a literatura revela desafios históricos no Centro-Oeste e Sul, limitando o crescimento desses negócios. Barreiras estruturais, como a falta de acesso a financiamento e políticas públicas específicas, reproduzem graves desigualdades regionais (Rodrigues Arciprete et al., 2025; Sebrae, 2024).

A liderança feminina é marcante, com mulheres negras ocupando a maioria das posições empreendedoras. Seus negócios demonstram não apenas competências

econômicas, mas também a autossuficiência dessas lideranças em mitigar dificuldades socioeconômicas, fortalecendo redes comunitárias em seus territórios.

No entanto, a ausência de incentivos específicos restringe a ampliação desses negócios. Muitos estudos destacam a elevada informalidade e a precariedade das condições de trabalho, limitando o impacto pleno dessas iniciativas no crescimento econômico do Brasil (Fundação Telefônica Vivo, 2024; Macêdo; Alves; Campos, 2023).

Esses empreendimentos geram impactos sociais e culturais que vão além da renda, promovendo inclusão social e protagonismo à população negra. Eles rompem paradigmas de exclusão histórica, criando novos espaços relevantes na economia e impulsionando um futuro inclusivo e representativo.

Contudo, preconceitos e estereótipos associados às iniciativas negras, frequentemente desvalorizadas como pequenas ou de nicho, continuam a restringir sua inserção em mercados de massa ou cadeias produtivas amplas. Isso impede que as transformações locais geradas por esses negócios alcancem impacto em escala nacional (Sebrae, 2024).

1. Soberania Segurança Alimentar e Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

O empreendedorismo de mulheres negras é um vetor estratégico para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) em comunidades de alta vulnerabilidade. Suas iniciativas agroecológicas promovem a conexão entre produção local e acesso a alimentos frescos e orgânicos, mitigando a fome e a má nutrição.

A urgência dessas ações é inegável, dado o cenário de iniquidade nacional. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2024 (IBGE) indica que a vulnerabilidade alimentar é marcadamente racializada e regionalizada. Domicílios chefiados por pessoas negras (pretas ou pardas) representaram 73,8% dos lares em insegurança alimentar grave, com uma taxa de 5,4% para este grupo, contra 2,3% para brancos. Essa disparidade concentra-se no Norte (7,7%) e Nordeste (6,2%). A atuação de mulheres, que chefiam 59,9% dos lares em algum grau de insegurança alimentar, adquire, assim, um papel crucial.

No entanto, o acesso restrito a terras produtivas e financiamento dificulta a expansão dessas práticas. O cenário é agravado pela desigualdade, com 58% das mulheres negras que buscaram empréstimo tendo-o negado (Sebrae/FGV), sendo a discriminação racial um dos principais obstáculos. A literatura ressalta que políticas públicas de SAN frequentemente não incorporam o recorte racial, perpetuando desigualdades socioeconômicas e estruturas de exclusão (Moura, 2024).

As feiras agroecológicas e comunitárias, impulsionadas por essas empreendedoras, tornam-se eixos estratégicos de transformação social. Elas fortalecem o vínculo campo-cidade, facilitando o acesso a alimentos de qualidade, movimentando a economia regional e integrando pequenos agricultores à cadeia produtiva. Esse fomento direto articula a

produção de frutas e legumes com a distribuição em bairros periféricos, gerando renda e garantindo alimentos *in natura*.

Essa atuação transcende o nutricional e econômico, inserindo-se na esfera da Soberania Alimentar, definida como o direito dos povos de definir suas próprias políticas de produção, distribuição e consumo (Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, 2001). Ao controlarem seus Sistemas Alimentares, essas mulheres promovem o resgate de práticas afrocentradas, reforçando a autonomia comunitária. A intersecção entre SAN, Soberania e saúde é formalizada pelo SISAN, SUS e PNSIPN. O empreendedorismo agroecológico materializa essa interdependência como prática de Promoção da Saúde, combatendo vulnerabilidades do racismo estrutural. A necessidade de uma perspectiva ampla da SAN, que integre campo e cidade, é reforçada pela análise de Moura (2024) sobre comunidades negras.

O relatório O Estado da Alimentação e da Agricultura 2024 (SOFA) da FAO (2024) argumenta que a transformação dos sistemas agroalimentares deve ser guiada por valores de equidade e sustentabilidade, com custos e benefícios distribuídos justamente entre os diversos atores.

Contudo, o racismo institucionalizado e estrutural impõe barreiras significativas à competitividade desses modelos no mercado formal. Iniciativas afrocentradas frequentemente sofrem preconceito e desvalorização sistêmica, o que compromete sua legitimidade, acesso a financiamento e expansão em mercados capitalistas mais amplos (Almeida, 2019).

2. Inclusão Social e Empoderamento Econômico

Mulheres negras empreendedoras são centrais na construção de lideranças inclusivas, oferecendo capacitação e renda que promovem transformação social e independência econômica. Contudo, estudos apontam que a exclusão financeira, pela falta de acesso a crédito e capacitação técnica, limita a competitividade e ampliação desses negócios (Exame Solutions, 2024; Sebrae, 2024).

Essas empreendedoras frequentemente criam redes de apoio colaborativas, ampliando oportunidades econômicas locais ao integrar fornecedores e comerciantes e fortalecendo a economia de proximidade. No entanto, a persistência da informalidade é um obstáculo, pois a ausência de políticas tributárias equitativas impede que muitos negócios permaneçam na economia formal, limitando sua sustentabilidade e impacto (Colman, 2025).

A vulnerabilidade econômica crônica e a informalidade a que empreendedoras negras são submetidas manifestam a necropolítica (Mbembe, 2018), que relega o empreendedorismo negro à precarização. Nesse contexto, o Serviço Social deve atuar contra o racismo institucional, pois a invisibilização da dimensão étnico-racial compromete a efetividade das políticas públicas (Pinto, 2003). A luta pela inclusão social e econômica

exige que a Assistência Social incorpore a interseccionalidade de raça e gênero, visto que a população negra, majoritariamente feminina, é o principal público dos serviços socioassistenciais (Costa, 2017). A autonomia econômica das mulheres negras, assim, firma-se como resistência às forças necropolíticas. Além disso, o impacto dessas lideranças transcende o econômico, alcançando mudanças culturais e inspirando a superação de estereótipos.

Por outro lado, a desvalorização cultural e econômica de seus produtos e serviços reforça barreiras sociais, frequentemente os relegando a um status de “alternativos” ou “de nicho”, o que inibe seu crescimento em mercados competitivos (Nascimento, 2018).

Em síntese, o empreendedorismo de mulheres negras no Brasil é um potente mecanismo de resistência e catalisador de transformação social e econômica. Contudo, ele opera sob ameaças estruturais como a exclusão financeira e a informalidade, lidas pela chave da necropolítica. A ausência de políticas públicas equitativas e a negação da dimensão racial na Questão Social (Pinto, 2003), especialmente na Assistência Social (Costa, 2017), negligenciam a complexidade das opressões. O verdadeiro empoderamento exige a superação da lógica de abandono (Mbembe, 2018) e a inserção de apoio sistêmico (crédito, formalização) que reconheça a contribuição social e econômica desses negócios para a construção de sociedades mais justas e equânimes.

3. Valorização Cultural e Resgate de Saberes Ancestrais

Empreendedoras negras usam seus negócios para preservar saberes ancestrais da cultura afro-brasileira. Práticas culturais como culinária, música e artesanato tornam-se ferramentas de resistência, renovação cultural e promoção de pertencimento e identidade nas comunidades.

Contudo, essas práticas enfrentam desvalorização em mercados eurocêntricos. Produtos de matriz africana são frequentemente tratados como exóticos ou de nicho, limitando seu reconhecimento em cadeias produtivas maiores (Exame Solutions, 2024).

A integração de saberes tradicionais, como o uso de ingredientes locais na gastronomia africana, é incentivada nesses empreendimentos, fortalecendo o elo economia-cultura e ampliando a visibilidade da identidade afro-brasileira no mercado nacional.

Por outro lado, a fragilidade financeira impede a visibilidade dessas iniciativas. Sem investimentos estratégicos em preservação e valorização cultural, esses negócios têm dificuldade em acessar mercados de maior escala (Lisboa, 2024).

Destaca-se o impacto educacional desses empreendimentos, que promovem ressignificação cultural. As mulheres negras empreendedoras atuam como guardiãs de tradições vivas, moldando novas gerações a partir da preservação histórica e do orgulho ancestral.

No entanto, a desigualdade racial é uma barreira central na exportação desses valores culturais globalmente. A lógica eurocêntrica predominante exclui produtos culturais e alimentares de raízes africanas, relegando-os a um mercado secundário de baixa valorização (Sebrae, 2024; IBGE, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo negro, especialmente o liderado por mulheres negras, se consolida como uma ferramenta essencial para a transformação social, cultural e econômica no Brasil. Essas iniciativas representam mais do que uma solução para a geração de renda, atuando como espaços de resistência e de inovação em comunidades historicamente relegadas à exclusão. Por meio de suas ações, essas mulheres não apenas envolvem suas comunidades em processos produtivos, mas também promovem mudanças significativas em aspectos como segurança alimentar, empoderamento e valorização cultural.

Mesmo com os enormes avanços apresentados, os desafios enfrentados por essas empreendedoras deixam claro que ainda há um longo caminho a ser trilhado. Barreiras como a falta de acesso ao crédito, os preconceitos estruturais e a dificuldade de inserção em mercados formais são obstáculos que comprometem o pleno desenvolvimento desse tipo de empreendimento. Superar essas questões exige não apenas iniciativas individuais, mas também ações integradas que envolvam políticas públicas específicas, incentivos econômicos e a valorização dessas lideranças em diferentes esferas.

O fortalecimento do empreendedorismo negro é mais do que uma solução econômica. Ele se apresenta como um caminho essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a diversidade cultural e o protagonismo das populações historicamente marginalizadas sejam reconhecidas como pilares estratégicos para o desenvolvimento. Investir nesse segmento é investir em uma transformação que beneficia não apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas toda a sociedade, promovendo um futuro mais equitativo e resiliente.

REFERÊNCIAS

AFRO.TV. **Empreendedorismo negro cresce no Brasil e ultrapassa 3,2 milhões de registros em doze anos, aponta SEBRAE**. 22 out. 2025. Disponível em: <https://www.afro.tv/blog/empreendedorismo-negro-cresce-no-brasil-e-ultrapassa-32-milhoes-de-registros-em-doze-anos-aponta-sebrae/>. Acesso em: 23 out. 2025.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2019 – *para a referência sobre Racismo Estrutural*.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. **Pesquisa Nacional por Amostra**

de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): Segurança Alimentar 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102084>. Acesso em: 02 nov.2025

COLMAN, Neire Aparecida; FARIAS, Aparecida Gisele. Empreendedorismo feminino: o poder da mulher negra. **Revista Insted de Direito**, v. 2, n. 1, 26 ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.62559/redir.v2i1.164>. Acesso em: 27 out. 2025.

COSTA, Gracyelle. Assistência Social, no enlace entre a cor e gênero dos (as) que dela necessitam. **O Social em Questão...**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 38, p. 227-246, maio/ago. 2017. Disponível em: https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/osq_38_art_12_costa.pdf. Acesso em: 2 nov. 2025

EXAME SOLUTIONS. **As mulheres do afroempreendedorismo que ajudam a movimentar R\$ 1,7 trilhão por ano no Brasil.** 12 dez. 2024. Disponível em: <https://exame.com/negocios/as-mulheres-do-afroempreendedorismo-que-ajudam-a-movimentar-r-17-trilhao-por-ano-no-brasil/>. Acesso em: 14 out. 2025.

FAO. The State of Food and Agriculture 2024: Value-driven transformation of agrifood systems. Roma: FAO, 2024. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/handle/20.500.14283/cd2616en>. Acesso em: 2 nov.2025

FÓRUM MUNDIAL SOBRE SOBERANIA ALIMENTAR. **Declaração de Tepoztlán: A Soberania Alimentar é um Direito Humano.** Tepoztlán, México, 2001. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/declaracion-final-del-foro-mundial-sobre-soberania-alimentaria>. Acesso em:31 outubro 2025

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9222-sintese-de-indicadores-sociais.html>. Acesso em: 27 out. 2025.

LISBOA, Cristiane Almeida. **A falta que ecoa:** envelhecimento de mulheres negras, e suas perspectivas sociais, corporativas e de saúde nos desafios da liderança. 2024. 136 p. Dissertação de mestrado — Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2024.

MACÊDO, Natália Estrela de; ALVES, Raquel Aparecida; CAMPOS, Gevair. EMPREENDEDORISMO NEGRO: perfil dos empreendedores autodeclarados negros em dois municípios mineiros. **Revista De Empreendedorismo E Gestão De Micro E Pequenas Empresas**, v. 8, n. 01, p. 37-65, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.editoraenterprising.net/index.php/regmpe/article/view/554/828>. Acesso em: 12 out. 2025.

MOURA, E. A. (2024) MOURA, Edgard Aparecido de (Org.). **Segurança Alimentar e Sustentabilidade.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2024. Disponível em: <https://obha.fiocruz.br/?p=1618>. Acesso em: 2 nov. 2025.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Tradução de Deivison Mendes Faustino. São Paulo: N-1

Edições, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. *In*: 1III SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS -PGCS UFE, 2018, Vitória-ES. **1III seminário de ciências sociais -PGCS UFE**. Rio de Janeiro: Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/21718/14416>. Acesso em: 19 out. 2025.

PINTO, Elisabete Aparecida. O Serviço Social e a questão étnico-racial: um estudo de sua relação com usuários negros. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

PRETAHUB. **Os avanços e desafios do empreendedorismo negro no Brasil**. 19 Mar. 2020. Available from: <https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/os-avancos-e-desafios-do-empendedorismo-negro-no-brasil/>. Accessed: 25 Oct. 2025.

RODRIGUES ARCIPRETE, Ana Paula; CARDOSO, Tatiane Marçal Silva; SOUZA, Sérgio Luiz de; MONTEIRO, Juliana Cristina dos Santos. Desigualdades Étnico-Raciais e Sociais, Empreendedorismo Negro e Afroempreendedorismo no Brasil. **Revista de Empreendedorismo, Negócios e Inovação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 04–17, 2025. DOI: 10.36942/reni.v10i1.993. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/reni/article/view/993>. Acesso em: 27 out. 2025.

SCHELBAUER DE LIMA, Victória Luiza; SOARES FRAGOSO, Maiara; SCHENATO, Vilson Cesar. Segurança alimentar e valorização do protagonismo feminino na agricultura familiar. **Caminho Aberto**: revista de extensão do IFSC, p. 85-89, 1 dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35700/ca.2018.ano5n9.p85-89.2457>. Acesso em: 27 out. 2025.

SCielo. **A cor e o sexo da fome: análise da insegurança alimentar sob o olhar da interseccionalidade**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 38, n. 7, e00255621, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MQHNQz5GH9NmxjZpFm3zC3r/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

SEBRAE. **Empreendedorismo negro no Brasil: Desafios e oportunidades no mercado**. Brasília: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2024. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos-e-pesquisas/empreendedorismo-negro-no-brasil-desafios-e-oportunidades-no-mercado,741f4684c3217810VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 27 out. 2025.

SEBRAE. Agência Sebrae de Notícias. Mulheres negras representam o segmento de empreendedores mais atingidos pela pandemia no Brasil. 3 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/economia-e-politica/mulheres-negras-representam-o-segmento-de-empreendedores-mais-atingidos-pela-pandemia-no-brasil/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

SIQUEIRA, D. P.; NUNES, D. H.; MORAIS, F. S. d. Identidade, reconhecimento E personalidade: Empreendedorismo da mulher negra. **Economic Analysis of Law Review (EALR)**, v. 9, n. 3, p. 229–242, 2018.